

**O DIZER DO ALUNO COMO UM CAMINHO QUE DIRECIONA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DA PRODUÇÃO DO TEXTO ESCRITO NA SALA DE AULA**

Maria Aparecida de Oliveira

*Mestranda em Formação de Professores (PPGFP), pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
e-mail: profmaria.oliveira@hotmail.com*

Prof^ª Dr^ª. Maria de Lourdes da Silva Leandro

*Professora do Programa de Mestrado Profissional em Formação de Professor (PPGFP), da
Universidade Estadual da Paraíba. (UEPB). e-mail: lourdes.leandro@uol.com.br*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo geral discutir a importância do discurso escrito do aluno, para o direcionamento do ensino-aprendizagem da produção textual. Tem como direcionador da análise, a seguinte questão-problema: De que modo a posição discursiva do sujeito revela na produção textual subsídios para a orientação do ensino-aprendizagem da escrita de texto? Trata-se de uma pesquisa – ação de natureza qualitativa. A coleta de dados para o estudo foi realizada durante o desenvolvimento do projeto “Africanidade como possibilidade no ensino de Língua Portuguesa, refletindo sobre preconceitos e a construção de relações de tolerância.” Tem como *corpus* a produção escrita de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II e como objeto de pesquisa o discurso na produção escrita dos alunos sobre a temática “africanidade”. Fundamenta-se em pressupostos teóricos, da Análise do Discurso (francesa). Resultados revelam como os alunos foram construindo o seu lugar de posição de autoria, à medida que o tema foi sendo trabalhado em sala de aula (leitura e produção escrita) em diferentes gêneros textuais. Esses movimentos discursivos-textuais evidenciam como foram produzindo novos sentidos de acordo com as escolhas linguístico-discursivas que revelam o uso de estratégias e competências textuais, expressando a visão que têm da sua exterioridade. Esse processo contribui, então, para o desenvolvimento da produção de texto como espaço de interlocução.

Palavras-chave: Análise do discurso. Africanidade. Produção Textual. Posição-sujeito.

1. INTRODUÇÃO

A produção de texto em sala de aula deve acontecer como um processo dinâmico envolvendo os sujeitos nas relações com o outro, consigo mesmo e com o mundo. Ao produzir um texto, o sujeito ocupa posições diferentes e pode se representar de diversas maneiras. No entanto, conforme postulam várias pesquisas no âmbito da Linguística Aplicada, a escola ainda tem trabalhado a produção de texto numa perspectiva mecanicista se prendendo apenas aos aspectos gramaticais, não valorizando a relação do sujeito com o seu discurso.

Com base nos pressupostos da Análise do Discurso (AD) francesa, a partir das contribuições de Pêcheux (1990), Orlandi (1999, 2007), Fernandes (2007), Brandão (1996), podemos dizer que toda produção escrita se caracteriza como espaço aberto em que o sujeito se inscreve no(s) discurso(s), situando-se sócio-historicamente, produzindo sentidos que interagem com o que diz e com o que deixa de dizer. Sob essa direção teórica, é preciso entender *discurso* como efeitos de sentidos, conforme Pêcheux (1990). Nessa perspectiva, o modo como as palavras produzem sentidos implica a língua, o sujeito na história, além disso, convém destacar que devemos ter em mente que, para se estudar o discurso, é necessário observar o homem integrado em suas práticas sociais, uma vez que, como diz Orlandi (1999, p.15) “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Os discursos são produzidos e circulam em meio a uma multiplicidade de tantos outros, constitutivos das práticas sociais languageiras. Os sujeitos vivem imersos em discursos. Ao se situarem nas interações sociais pela linguagem, delimitam o modo como se apropriam dos discursos, pois sua produção depende de onde se fala, para quem e com que objetivo. Desse modo, o sujeito de discurso constrói discursos conforme regras que interferem no modo como deve utilizá-lo. Esse é o processo discursivo denominado de *formação discursiva*, segundo Foucault (2007, p. 43). Foi desse estudioso que a AD trouxe para sua construção teórica esse conceito.

Fernandes (2007, p.64), reportando a Foucault (*idem, ibidem,*) diz que a formação discursiva refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente

definidas. No dizer de Fernandes, a formação discursiva pode ser compreendida a partir do que pode ser dito em determinada circunstância e também daquilo que não poderia ser dito, tendo em mente que uma formação discursiva não se limita a uma época apenas, elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, podem se fazer presentes sob novas condições de produção. Estes elementos, integrados ao um novo contexto histórico, produzem outros efeitos de sentido. Podemos dizer, então, que toda formação discursiva só se constitui e se mantém por meio de sua relação com a formação ideológica que a constitui.

Nesse sentido, a noção de ideologia advém da acepção marxista tendo como ponto de partida o trabalho de Althusser, e a concepção de discurso como uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza. Conforme diz Pêcheux e Fuchs in Fernandes (2007,p.65) formações ideológicas podem ser definidas como um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras.

Com base nessa concepção, podemos dizer que a formação ideológica poderá ser compreendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, como um conjunto de representações e ideias que uma determinada classe tem do mundo. A partir de sua formação ideológica, o homem constrói seus discursos e reage linguisticamente aos acontecimentos. A ideologia é repassada de um sujeito a outro através do processo de aprendizagem linguística.

No contexto teórico da AD, todo discurso é heterogêneo, constituído de muitas vozes conforme elaborado por Pêcheux (1990), na segunda fase de sua teoria. Essa heterogeneidade discursiva, segundo Fernandes (2007,p.65), refere-se ao interdiscurso que envolve a presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história. A concepção de interdiscurso relaciona-se então, à memória discursiva, a um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer.

A memória discursiva faz parte das condições de produção dos discursos, tendo em vista que ela pode ser definida como o saber discursivo que torna possível que os discursos sejam atualizados. Segundo Brandão (1999, p. 49), ao ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Nessa perspectiva, o sujeito incorpora o outro, divide o espaço discursivo com o outro, assim sendo, no nosso cotidiano, estamos sempre dizendo algo que já foi dito, proferindo conceitos

e discursos pré-estabelecidos pela coletividade no decorrer da história, podemos assim dizer que não existe enunciado sem influência de outros enunciados.

De acordo com Santos (2009), é pela fala que o sujeito revela sua posição social, e as diferentes identidades de que se reveste nos diferentes lugares que ocupa. É no social que se definem as posições-sujeito, tais posições não são fixas, mas marcadas por mutabilidade, por relações de poder que se opõem. Nesse sentido, o sujeito se constrói nas práticas discursivas, no interior dos discursos, o sujeito assume diferentes posições, de forma que a sua identidade não será a mesma em diferentes momentos e lugares por onde se encontre. O sujeito e sua identidade encontram-se sempre em constantes mudanças, deslocando-se de um lugar para outro, logo podemos dizer que o sujeito é heterogêneo.

Todas essas definições colaboram para que possamos compreender o sujeito e seu discurso inseridos em um contexto sócio-histórico-ideológico, pois, ao produzir um texto para atender aos objetivos propostos em sala de aula, compreendemos que a escrita do aluno, o seu discurso materializado no papel não seguem uma linearidade, onde alguém transmite uma informação a outra pessoa que decodifica a mensagem. Os sentidos vão se instaurando no texto pelo encadeamento das palavras e pela disposição das mesmas, também pelas escolhas que o autor do texto faz, uma vez que, segundo a Análise do Discurso (AD), todo discurso em sua produção, envolve os processos de formulação (perspectiva de atualização do dizível) e de constituição (interdiscurso, memória).

Para isso é preciso considerar que, ao escrever um texto, o aluno necessita da participação do interlocutor, partilhando do contexto de interação, como uma das condições de produção, tendo em vista que a especificidade da análise do discurso (AD) está em considerar a língua na sociedade e na história, fazendo intervir a ideologia, uma vez que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.

Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo geral discutir a importância do discurso escrito do aluno para o direcionamento do ensino-aprendizagem da produção textual. Teremos como *corpus* a produção escrita de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, e como objeto de pesquisa o discurso dos alunos, na sua produção escrita, sobre a temática africanidade, produzido durante o desenvolvimento do projeto “Africanidade como possibilidade no ensino de Língua Portuguesa, refletindo preconceitos e a construção de relações de tolerância.” O desenvolvimento desse projeto demonstrou como os alunos assumiram o seu papel de sujeito nas produções textuais à medida que iam produzindo novos sentidos e ressignificando outros.

Durante as atividades sobre o tema africanidade, utilizaram-se de gestos de interpretação diante da sucessão de modos de agir, em diferentes gêneros textuais, que os envolviam como sujeitos sócio-históricos, vinculados a sua exterioridade.

Partindo então, da concepção de que ao produzir um texto o aluno ocupa um lugar social e dele enuncia, influenciado por uma ideologia, materializada em seu discurso, este artigo possui os seguintes objetivos específicos:

- *Analisar o discurso do aluno (posição-sujeito) em consonância com a visão cultural de respeito à diferença e à defesa da identidade.
- *Descrever as mudanças discursivas nas produções escritas, considerando o conhecimento e domínio do gênero textual escrito e suas características linguístico-textuais.

Esse artigo pretende contribuir com a discussão acerca do ensino da produção textual escrita. Organiza-se, apresentando no item 1, a questão-problema fundamentada por um breve recorte teórico dos conceitos fundamentais que orientam a análise do *corpus*: trazemos as noções teóricas sobre *discurso, formação discursiva, formação ideológica, memória e interdiscurso, posição-sujeito* sob o olhar da Análise de Discurso (AD) francesa. O item 2 descreve as etapas metodológicas do trabalho com os alunos. O item 3 traz os resultados e as discussões que apresentamos dos dados selecionados com o intuito de demonstrar, em recortes, a evolução do trabalho de escrita dessa turma. Concluímos com as considerações finais e as referências bibliográficas.

A produção de texto desenvolvida no projeto Africanidade constituiu-se num material significativo de análise discursiva dos alunos frente aos problemas sócio-históricos e ideológicos, sobre os quais procuravam se posicionar, em função do tema em estudo. Por outro lado, o estudo proporcionou a prática da atividade de escrita como espaço discursivo, revelando que, durante a escrita, o que o aluno deixa na implicitude da tessitura textual contribui para que o professor, no papel de mediador, utilize instrumentos que o fará com que o aluno pense e escreva sobre o que lhes foi apresentado, ampliando progressivamente a sua competência discursiva. É uma prática que faz com que o aluno situe o seu discurso em relação ao discurso do outro, ajuste e planeje o enunciado para seu destinatário mostrando, assim, como constrói sua posição de autor no texto que escreve.

Esse é o pensamento teórico, direcionador de nosso projeto cuja proposta e desenvolvimento passamos a apresentar resumidamente.

2-METODOLOGIA

O estudo desenvolveu-se através de uma prática de escrita como espaço discursivo, durante o desenvolvimento do projeto “Africanidade como possibilidade no ensino de Língua Portuguesa, refletindo preconceitos e a construção de relações de tolerância.” O *corpus* analisado constitui-se de produções textuais de alunos de uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Parari-PB. Analisaremos como as condições de produção interferiram no discurso dos alunos, com base nas seguintes categorias da análise do discurso (AD): discurso, posições - sujeito na produção textual.

Partindo do pressuposto de que o discurso expresso oralmente ou por meio da escrita, remete à formação ideológica que o sujeito assume, analisaremos inicialmente se o discurso do aluno está em consonância com a visão cultural de respeito à diferença e à defesa da identidade e como as atividades de interlocução, desenvolvidas durante o desenvolvimento do referido projeto, contribuíram para o surgimento de outras formações discursivas, que se evidenciam nas escolhas linguísticas das quais o aluno se apropria para a formulação discursiva de seus textos. Todos, em consonância, devem apontar o modo como os alunos, enquanto sujeitos de discurso, foram construindo sua posição-sujeito de autor. Por essa direção, desenvolvemos uma análise de natureza qualitativa, em virtude de seu caráter subjetivo e interpretativo.

As atividades de escrita desenvolvidas em sala de aula aconteceram no decorrer de três momentos distintos:

No primeiro momento foi realizado um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre africanidade, a partir do seguinte questionamento: O que você sabe sobre a África? Após responder por escrito ao questionamento, cada aluno socializou os seus conhecimentos, confrontando os seus dizeres com os dizeres apresentados em vídeos sobre as riquezas da África.

No segundo momento falamos sobre preconceito racial a partir da leitura de uma entrevista sobre preconceito com a desembargadora aposentada Luislinda Valois (REIS, 2015), cada aluno expôs seu ponto de vista a respeito do preconceito e do discurso da entrevistada de modo que os discursos se entrecruzaram.

Foram também discutidas questões relativas à diversidade étnico-racial (AIRES, 2013), cultura africana e afro-brasileira (FELINTO, 2012) e poesia africana (DÁSKALOS, 2013). A heterogeneidade dos discursos presentes na sala de aula foram materializados em um artigo de opinião.

No terceiro momento trabalhamos a produção de poemas com a temática africanidade dando oportunidade para que os alunos revelassem, em suas produções, novas formações discursivas. Diferentemente das produções iniciais, essas produções trazem uma valorização da africanidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

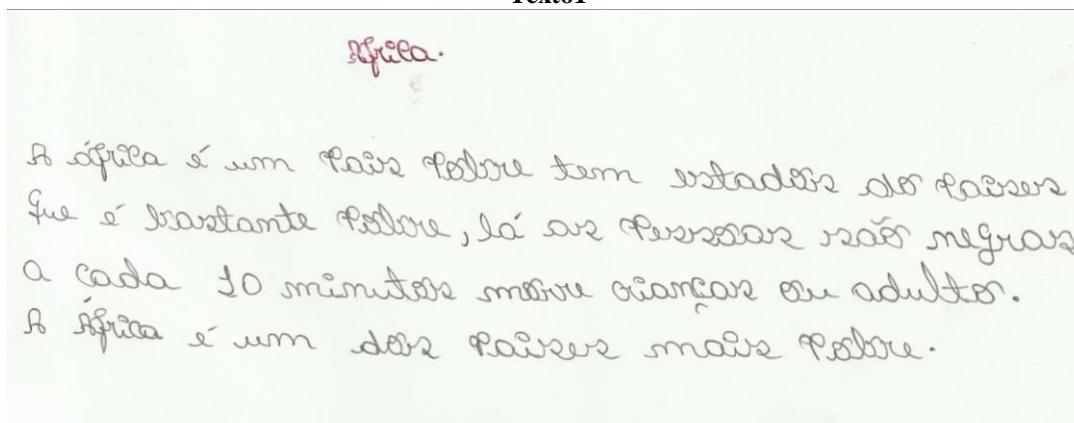
A partir da leitura da produção inicial dos alunos a respeito da África, o que podemos dizer sobre os discursos dos alunos depende, também, do caminho direcionado pelo professor para a produção textual, de forma que não acontecesse apenas em sala de aula a apropriação do discurso do outro, mas também uma mudança na maneira do aluno enxergar a si próprio, o outro e o mundo, compreendendo como os sentidos, as concepções discursivo-ideológicas presentes nas produções de textos.

Orientamos que tratamos os dados do *corpus*, como Recorte I, II e III, apresentando o gênero solicitado. Cada produção do aluno como Texto 1, 2 e 3, o autor como A1, A2, e A3. Assim sendo, iniciaremos nossa análise da escrita do aluno em resposta ao questionamento:

“O que você sabe sobre a África?” conforme podemos compreender nos textos abaixo:

Recorte I - Depoimento escrito

Text01



Africa.
A África é um país pobre tem muitos países
que é bastante pobre, lá as pessoas são negras
a cada 10 minutos nasce um bebê ou adulto.
A África é um dos países mais pobres.

Aluno: 7º ano (A1)

Fonte: (Acervo da pesquisadora)

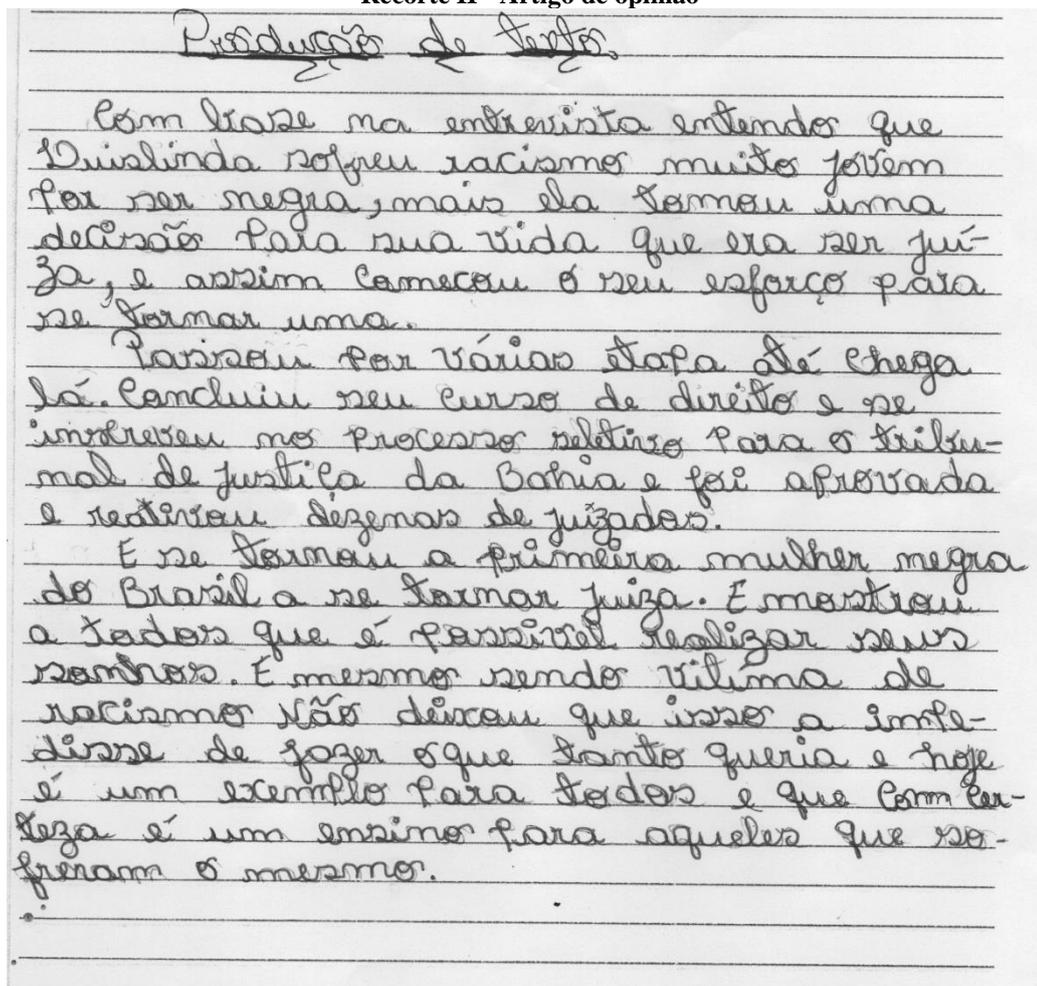
Nesse texto, podemos compreender por meio da concepção do aluno de que a imagem construída da África é a de um continente do qual se tem uma imagem muito negativa. Nas demais produções realizadas em sala de aula, também predominavam imagens de crianças desnutridas, e da favela como moradia do negro pobre e analfabeto. Podemos dizer que esse tipo de discurso é também ideológico, já que dissemina, mesmo que involuntariamente, conceitos e crenças de determinada época e espaço nos quais estão envolvidos conflitos históricos e sociais. Por meio de práticas sócio-discursivas, na sociedade, circula um discurso sobre a África que vê o negro como um ser inferiorizado, desqualificando a cultura negra e fortalecendo o preconceito racial.

Diante disso, percebemos a necessidade de alunos conhecerem nossas heranças, a origem dos nossos costumes e tradições, como uma forma de nos conhecermos e sabermos quem somos e de onde viemos, uma vez que, por meio de um discurso, voltado para a diversidade, poderemos ajudar os alunos a construir os ideais sociais, de igualdade e tolerância às diversidades.

Com base numa concepção interacionista de linguagem, de que a principal função da linguagem é a interação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o meio no qual está inserido, foi necessário trabalhar em sala de aula com diferentes gêneros discursivos para que o aluno pudesse adquirir diferentes modos de se posicionar linguística e discursivamente.

Nesse sentido, o referido projeto promoveu leitura de poesias africanas, debates, pesquisas de forma interdisciplinar com outros professores, a utilização de vídeos, pesquisas em livros na biblioteca e na internet, entrevistas com pessoas da comunidade realizadas na sala de aula, oralmente pelos alunos e a construção de um jogo de origem africana.

Após descrever o primeiro momento de atividade, passaremos então a descrição da produção de artigo de opinião baseado na leitura e discussão da entrevista com Luislinda Valois cujo título é “ No mês da Consciência Negra, o IBahia entrevista Luislinda Valois, primeira juíza negra do Brasil”(REIS, 2015). Na escrita do artigo de opinião, o aluno, como escritor, procura marcar um lugar discursivo, assumindo uma posição conforme podemos observar:

Recorte II - Artigo de opinião

Aluno: 7º ano (A1)

Fonte: (Acervo da pesquisadora)

Por meio da entrevista que conta a história de superação da juíza Luislinda Valois, os alunos puderam refletir sobre questões como: cidadania, o contexto político e social brasileiro, sobre liberdade de expressão, democracia, bem como sobre a luta da mulher negra para ocupar espaços dignos na sociedade. Um trecho da entrevista em que a entrevistada diz que escutou do professor da escola que deveria parar de estudar para cozinhar feijoada na “casa de branco” deixou os alunos indignados a respeito do fato, provocando diversas discussões.

O discurso do aluno no artigo de opinião é constitutivamente heterogêneo, já que abriga, na sua materialidade não apenas o discurso da entrevistada, mas também de diferentes sujeitos vítimas de preconceito. Ao retratar a história vivida pela entrevistada, o aluno, diferentemente, do seu primeiro texto, já percebe que há diferenças físicas e culturais que precisam ser respeitadas, produzindo um ponto de vista de que é possível vencer o

preconceito, incorporando o discurso daqueles que não se deixam abater por discursos preconceituosos.

Tendo em vista que, no artigo de opinião, o discurso do aluno é atravessado pela ideologia e pela história conforme é postulado pela Análise do Discurso pecheutiana, a mudança de posicionamento do aluno evidencia que os sentidos das palavras não são fixos, estão em constante movimentação, isso porque nem os sujeitos, nem os sentidos e nem o discurso, já estão prontos e acabados.

Ao utilizar a palavra “*esforço*”, no enunciado, “*e assim começou o seu esforço para se tornar uma.*”, o aluno assume uma nova posição, passa a ver o negro como sinônimo de luta, de força. Ao dizer que a juíza “*passou por várias etapas até chegar lá*”, compreendemos que há uma relação do dito com o não-dito, por meio dos espaços vazios deixados no texto pelo aluno entendemos que a juíza enfrentou muitos desafios e se tornou vencedora, ocupando um espaço na sociedade que, desde então, era apenas ocupados por pessoas da elite e não negras.

O aluno, em seu dizer, também deixa implícita a ideia sobre a capacidade de inteligência das pessoas negras que, advinda de concepções preconceituosas, é inferior à de pessoa de pele branca. O modo como o aluno fala da entrevistada revela uma referência às questões sociais de luta dos negros na nossa sociedade, que podemos até incluir, como modo de denunciar a exclusão de direitos do negro brasileiro para reivindicar que a diversidade seja respeitada, transmitindo a todos o orgulho de ser negro, e de que devemos sempre resgatar a nossa identidade, afirmando nossas qualidades. Quando o aluno em seu enunciado diz “*é um exemplo para todos*” podemos compreender que todas as pessoas em geral deverão seguir o exemplo de superação, vivenciado pela juíza e não apenas as vítimas de preconceito.

Essa análise apresentou orientações para o leitor entender que a construção de um lugar discursivo na produção de texto escrito, dá-se à medida que o aluno vai experienciando a prática da escrita, deslocando de um gênero para outro em função de um mesmo tema. Nesse movimento, o aluno, como sujeito de discurso, tem a oportunidade de refletir sobre o que quer dizer, como fazê-lo, em função, agora, de ter outros interlocutores e também por ter que trabalhar com a língua e as condições que esse novo gênero requer.

Desse modo, depois que os alunos foram expostos à leitura de poemas sobre a África, motivamos a turma a produzir poemas para a montagem de um livro de poemas que seria apresentado para a escola e para as famílias dos alunos. Vejamos um poema representativo dessa produção:

Recorte III –Produção de poema
África

África Mãe-Guerreira
Sofrida com o preconceito
Mas superou com força
E seu braço direito.

A África é bonita
Há vários pratos gostosos
Eu gosto de todos eles
Pois são deliciosos.

A África é um continente
De persistência
Que continua lutando
Com muita resistência.

A África tem cultura, história e herança
Por onde seu povo passa
Deixa a sua confiança.

Aluno: 7ºano (A1)
Fonte: Acervo da pesquisadora

Aproveitando cada situação de sala de aula como momento pedagógico para discutir a riqueza da diversidade na formação da identidade cultural da sociedade brasileira, os alunos construíram diversos poemas trazendo a memória coletiva e a história dos povos afrodescendentes na constituição da sociedade brasileira, contribuindo positivamente e de forma consciente para a construção da identidade dos mesmos.

Na produção desse poema, podemos compreender que o aluno, como sujeito de discurso, movimenta-se no interdiscurso sobre discursos pré-concebidos sobre a África, repassados ideologicamente e dá lugar a formações discursivas que se identificam com os discursos de uma visão cultural de respeito à diferença e à defesa da identidade, pois os discursos se estabelecem com relação a um discurso anterior, o instituído pela História, e ao longo do tempo, apontam para outro.

O texto inicial, em que o aluno apresentou a imagem que tinha da África, evidenciou um discurso de sentimento negativo que caracterizou a ideia que se tem de um povo, massacrado pela fome, pelo abandono e pela cor de sua pele. É um discurso que se historicizou pelo tempo e pela situação histórico-política desse povo.

Nesse poema, “África”, o sujeito de discurso dialoga com outras vozes. Há o dizer que faz parte da composição do poema, carregando uma marca de identidade, quando o aluno diz “*Há vários pratos gostosos/Eu gosto de todos eles,*”, “*... tem cultura, história e herança. Por onde seu povo passa, deixa sua herança.*” faz referência à tradição cultural do povo africano, influenciando o modo de ser e de pensar dos costumes brasileiros sobre comidas e outras práticas sociais.

Há, então, nesse poema, a circulação de um discurso de alto poder altruísta, revelando a

conscientização da valorização da cultura africana e do negro. Desse discurso, esse aluno já tinha se apropriado na sua segunda produção, revelando, nessa terceira produção, outro modo de dizer, a sua identificação com a ação da juíza, com o discurso da coragem para lutar contra o racismo e procurar seu lugar na sociedade, apesar do racismo violento que, implicitamente ou não, corrói a vida do homem na contemporaneidade.

Nesse movimento discursivo, nos versos *“A África é um continente de persistência/ Que continua lutando com muita resistência”*, evidenciam os ecos de um discurso já instaurado na produção de seu artigo de opinião. Esse movimento revela o funcionamento da formulação discursiva na produção textual desse sujeito de discurso. Formulação essa que se instaura nas escolhas linguísticas que faz o sujeito para delimitar no interdiscurso, o que convém dizer e como dizer, em cada momento que produz seu texto. É um exercício de autoria que deve merecer reflexão e provocar discussões sobre como se está trabalhando, na sala de aula, esse lugar discursivo do aluno na sua história de formação, como leitor e escritor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mediar o processo de produção de texto em sala de aula, o professor deve perceber o aluno como sujeito de seu discurso e respeitar o seu modo de dizer, implementando situações para a negociação de sentidos mediante as pistas deixadas no texto já construído.

As relações de interlocução que se estabelecem nos diferentes momentos de produção de textos, a partir da leitura, análise e reflexão dos discursos permitiram que a produção de texto do aluno cumprisse seu propósito comunicativo, sendo encarado não como uma atividade para a identificação de erros sintáticos, morfológicos ou semânticos, mas como uma oportunidade de diálogo com o dito e com o não-dito, produzindo outros modos de se posicionar linguisticamente.

Ao analisarmos as produções de textos dos alunos com base na análise do discurso, pudemos compreender a maneira como o discurso e o texto se entrelaçam, como esse processo revela o discurso se materializando no texto, pois as situações de interlocução promovidas em sala de aula contribuíram para que os alunos procurassem identificar o lugar que ocupavam.

Assim, esse lugar discursivo evidenciou o modo como foram construindo “novos” sentidos para os acontecimentos, resignificando outros sentidos, na medida em que se

movimentaram nos gêneros que produziram. Todas as atividades desenvolvidas no projeto foram vistas como um grande diálogo sobre a situação do negro na sociedade brasileira e de forma ampla no mundo, levantando questões éticas relevantes na convivência cotidiana, tanto da escola quanto da vida social. Em suas escritas, percebemos que cada aluno se sensibilizou com a causa negra, envolvendo-se com o assunto, e engajando-se na defesa do povo negro.

Por outro lado, a interdisciplinaridade foi uma grande aliada, ajudou a consolidar muitas competências como interpretação e organização de dados desenvolvendo o senso crítico e a criatividade. Podemos, então, dizer que, nessas aulas, os alunos construíram seu conhecimento à medida que participavam dos debates, faziam as leituras dos poemas e iam se apropriando dos conteúdos trabalhados, ligando-os às questões de convívio na escola, de respeito e da identificação, enquanto sujeitos afrodescendentes, desconstruindo os estereótipos em relação à cultura afro-brasileira. No entanto, temos consciência de que se essa prática de escrita e de leitura não se instituir como um processo permanente, não garante que seja internalizada pelos alunos.

Acreditamos que a AD nos possibilitou analisar essa experiência de prática de escrita que contribuiu com o levantamento de dados significativos sobre o ensino da produção escrita na escola. Mas sabemos que há muito o que investigar sobre esse processo, em que o sujeito de discurso revele um grau de conhecimento de processos de autoria, na sua posição de autor. E o que apontamos é, apenas, uma alternativa, nesse caminhar da formação do aluno, como leitor e escritor na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Diversidade étnico-raciais e interdisciplinaridade:** diálogos com as leis 10.639 e 11.645. Campina Grande:EDUFCG.2013.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas, SP: Editora da Unicamp,1996.

DÁSKALOS, Maria Alexandre; APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo (orgs.). **Poesia Africana de Língua Portuguesa:** antologia.Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

FELINTO, Renata. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula:** saberes para professores, fazeres para os alunos.Belo Horizonte,MG:FinoTraço.2012

FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do Discurso-reflexões introdutórias.** São Carlos: Claraluz, 2007

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____, **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Orgs.: Françoise Gadet: Tony Hak.Tradutores: Bethania S.Mariani...[et al]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

REIS, Gilvan. No mês da Consciência Negra, oiBahia entrevista:Luislinda Valois,primeira juíza negra do Brasil. Portal iBahia,02 nov.2011.Disponível em <http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/no-mes-da-consciencia-negra-o-ibahia-entrevista-luislinda-valois-primeira-juiza-negra-do-brasil/>.Acesso em Julho 2015.

SANTOS, João Bosco Cabral dos. **Sujeito e Subjetividade:** Discursividades Contemporâneas. Uberlândia, EDUFU, 2009.